



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenador/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Sobre os dilemas de contar dores, vulnerabilidades e invisibilidades: apontamentos etnogr?ficos sobre viol?ncias em favelas do Rio de Janeiro.

Autoria: Carolina Parreiras Silva

O objetivo deste paper ? refletir sobre alguns dilemas levantados por pesquisas que trabalham com viol?ncia, especialmente quando elas aparecem marcadas por g?nero, sexualidade, classe social e gera??o. Neste caso espec?fico, estou interessada em discutir, a partir de algumas cenas etnogr?ficas de minha pesquisa de p?s-doutorado, os limites que se apresentam ao se falar de viol?ncias sexuais e de g?nero contra adolescentes, moradores/as de favelas da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que minha quest?o central de pesquisa sejam viol?ncias sexuais, a partir da pesquisa de campo, ficou claro que seria imposs?vel n?o alargar o campo de vis?o em rela??o ?s viol?ncias. Assim, a proposta deste artigo ? de ?mbito ?tico e metodol?gico, j? que toma como base os desafios encontrados na feitura e escrita da etnografia. Parto, ent?o, de algumas perguntas: na medida em que se trata de contextos marcados pela sobreposi??o de viol?ncias, como capturar e expressar experi?ncias invis?veis, escondidas e que acessam dores e mem?rias, tornando-as intelig?veis no texto etnogr?fico? Como dar sentido antropol?gico aos sil?ncios e a outras linguagens utilizadas pelos sujeitos desta pesquisa, a fim de entender o car?ter cotidiano e ordin?rio (Das, 2008) destas viol?ncias? Como expressar ? para al?m do vocabul?rio do trauma (Fassin, 2009) ? viv?ncias de sofrimento, horrores, nas quais toda palavra parece insuficiente? Neste sentido, tomando como ponto de partida minha pr?pria inser??o em campo, busco discutir quest?es como vulnerabilidade, invisibilidade, metodologia de pesquisa e a pr?pria constru??o do texto etnogr?fico, especialmente em momentos que parecem inenarr?veis e nos quais meus pr?prios sentimentos se embaralham aos de meus/minhas colaborares/as.



Realização:



Apoio:



Organização:

